

Antelo: modos de ler



Jefferson Agostini Mello

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e dos Programas de Pós-graduação em Estudos Culturais da EACH e de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). Autor, entre outros livros, de *Literatura e crítica no Brasil hoje*. Brasília: Edições Carolina, 2017. jefferson@usp.br

Antelo: modos de ler

Antelo: ways of reading

Jefferson Agostini Mello

KLINGER, Diana e CÁMARA, Mario (orgs.). *Un guión de extimidad: ensayos en torno a la obra de Raúl Antelo*. Buenos Aires: Grumo, 2022, 312 p.



Un guión de extimidade: ensayos sobre la obra de Raúl Antelo, apesar do título em espanhol, é uma coletânea com 12 ensaios, em espanhol e português, seguidos de uma entrevista com o homenageado, um dos mais importantes críticos latino-americanos da atualidade. Os organizadores do livro, Diana Klinger e Mario Cámara, reuniram um time seleto de professores e pesquisadores, na sua maioria vinculados a centros de pesquisa e universidades do Brasil e da Argentina (com exceção de dois, ligados a instituições europeias), para discutir em profundidade uma obra complexa, erudita e inovadora para o campo dos estudos literários – a partir dessa obra e da atuação de Raúl Antelo como professor e orientador de mestrado e doutorado, vem-se firmando, no campo cultural latino-americano, uma corrente crítica importante nos dias de hoje, que conta com pares e discípulos no Brasil e na Argentina, um repertório amplo de conceitos e, mais do que isso, um modo muito particular de interpretar, e escrever sobre, a literatura e a cultura.

Para o leitor não iniciado na crítica literária e cultural de Raúl Antelo, os textos da coletânea podem se apresentar por vezes herméticos, talvez porque escritos em torno de uma obra densa, de estilo vertiginoso, na qual os autores se inspiram. Nesse caso, aconselho que se entre pela porta dos fundos, ou seja, que se inicie a leitura pela entrevista com Antelo – uma espécie de autoanálise, em que o seu olhar sobre a própria trajetória ilumina as principais escolhas teóricas –, e que se leia em seguida o último texto, de Adriana Pérsico, pelo modo como, didaticamente, explana os principais conceitos do crítico, as suas obsessões. Para os iniciados, que admiram a – e estão à vontade com – a sua escrita sem conceções, a coletânea pode inspirar outros trabalhos na mesma linha, além de contribuir para a atualização, já que a maioria dos ensaios abordam a fase mais atual da produção anteliana, com ênfase nas *Archifilologías latinoamericanas*¹, de 2015.

Nos ensaios, os conceitos se sobressaem aos temas ou às obras literárias e autores trabalhados pelo crítico; entre eles, ganham relevo o de extimidade, na sua conexão com o de entre-lugar (Silviano Santiago), anacronismo e infra-leve – que juntos implicam um modo de ler originalíssimo – e glocal, que extrapola a ideia de desterritorialização. Eles aparecem em mais de um ensaio e são

¹ ANTELO, Raúl. *Archifilologías latino-americanas: lecturas tras al agotamiento*. Villa María: Edwin, 2015.

destrinchados e articulados com outros, ou servem de inspiração para os autores procederem às suas próprias análises a partir deles, como Nora Domínguez, em texto que liga o poema longo de Sergio Bizzo ao momento político atual. Além disso, pelo que se detecta nos ensaios, eles derivam, como sugere Davi Pessoa, de uma leitura atenta e interessada de dois autores fundamentais, como Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman; mas, também, diríamos, de Foucault, Lacan, Derrida e, sobretudo, Walter Benjamin, lido por Antelo à revelia das reivindicações da tradição marxista, de onde o crítico retira, em diálogo com Didi-Huberman, os conceitos de montagem e anacronismo.

Com efeito, essa política do tempo e da imagem na obra de Antelo, como a chamam Klinger e Cámara na apresentação do livro, ataca o historicismo, permitindo outras articulações. Livre das amarras espaço-temporais, é possível a elaboração de uma crítica infraleve, que justapõe material heteróclito: textos, autores, ideias para além dos limites disciplinares e em campo expandido (R. Krauss). O conceito de glocal, lembrado por Rita Lenira Bittencourt, permite, ainda, a ruptura com as ideias de influência e de dependência cultural. A partir dele, isto é, do pressuposto de que toda localidade é global e de que toda a globalidade é local, apreende-se que objetos e sujeitos são atravessados desde sempre pelo outro. De modo que os conceitos trabalhados pelo crítico podem derivar de Benjamin, mas também de Mário de Andrade, lido por Antelo lendo Lacan, na sua pesquisa de doutorado, nos anos 1970, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, como ele mesmo afirma na entrevista ao final da coletânea:

si hay algo que forma mi interés por Mário, no es tanto lo que él escribe, sino lo que dice. Cuando digo "lo que dice" me refiero a una noción que estaba siendo introducida justamente en ese momento, al otro lado del globo, por alguien a quien yo estaba empezando a leer, era Jacques Lacan. En ese mismo año, en 73, Lacan desarrolla el concepto de étourdit, o sea, "los efectos erróneos" de contagio o de contaminación de la lengua, que es equívoca y que se anuncia a partir de tour, porque étourdit es lo que se dice a partir de tour, de la Torre de Babel, de la confusión de las lenguas. El anacronismo deliberado te lleva a mezclar todas las lenguas, todos los tiempos, todas las culturas. Creo que esa dimensión "atolondradicha" es lo que me atrae en Mário. Mário es una persona que intenta conciliar épocas absolutamente extremas, culturas absolutamente distantes, misiones heterogéneas, objetivos contradictorios, y creo que esto lo condena al sentido, al sentido común, al fracaso (p. 301 e 302).

Como podemos notar, há aqui uma justaposição de tempos e espaços. No caso, o local se expande e o global se torna localizável, específico então de uma comunidade dos sem comunidade (outra categoria utilizada por Antelo, que lhe chega via Georges Bataille): a essa altura da vida, segundo o crítico, Mário capitula, e a imagem do intelectual que quer compreender o seu país desaparece.

Mas o que torna possível tal associação e tal proliferação de conceitos, próprios e de outros, detectadas pelos ensaístas da coletânea? Ora, a espantosa erudição não é outra coisa que o amor à língua, pensado no texto de Daniel Link enquanto arquivologia:

Al proponer un nombre para su propio afectación filológica como "Archifilologías latinoamericanas", Antelo pasa de lo universal a lo mundano, un lugar con nombre pero sin origen (disparado en dirección a una geopolítica an-arquica), sin perder por ello de

vista que el lugar es solamente el haber-tenido-lugar y nunca una determinación de lectura o una distancia calculable respecto del sentido. El “mundillo” latinoamericano (multinacional, translingüístico, multinatural): una terra aliena, virgen, adecuada a perspectivas irreductibles (p. 198 e 199).

“Mundinho” é outro nome para a estratégia glocal de Antelo: Santa Catarina e não São Paulo, América Latina e não Europa, espaços que são, na verdade, bases de operação para preparar o salto. É o que ele enfatiza na sua auto-análise:

Me fui a São Paulo, pero no me quedé allí tampoco. Me negué a permanecer en la cola de herederos del puesto de Antonio Candido, y a esperar que fuera tercero, quincuagésimo... Es decir, que siempre esos pasos al margen moldearon mi trayectoria. A medida que me voy diseñando un lugar de no-heredero, me permito por otro lado heredar el conjunto de las herencias. En otras palabras, si no tengo una herencia propia, posibilito la emergencia de otras tramas. Entonces, a partir del momento que voy a trabajar a Florianópolis, como ya no soy detentor de una determinada franquía discursiva, y no seré identificado como “discípulo de fulano” o cosa similar, me permito introducir en mi panorama de preocupaciones, autores de los que no me había ocupado hasta el momento (p. 294).

De fato, se há uma sintonia fina entre os ensaios da coletânea, em direção ao “Antelo, objeto total” (título do concatenado ensaio de Maximiliano Crespi), há também momentos em que o homenageado e sua obra são vistos por ângulo e tom diverso, fora dos altos voos teóricos e associativos. Assim, após a apresentação e três ensaios que seguem de perto as pesquisas mais recentes de Antelo, lemos “Anos 70 na Pauliceia (o crítico e o poeta modernista)”, em que Maria Augusta Fonseca não apenas assume um tom biográfico/autobiográfico e afetivo sobre a vinda de Antelo ao Brasil, como também faz um excursão em torno dos trabalhos do crítico junto aos arquivos do IEB-USP e da sua pesquisa sobre a obra de Mário de Andrade, em sua interlocução com autores latino-americanos. Ao mesmo tempo, nas páginas centrais do texto, Fonseca elabora a sua leitura de *Macunaíma*, recuperando aspectos do modernismo brasileiro, com ênfase na perspectiva negativa de Mário de Andrade intérprete do país, e finaliza o ensaio comentando outros trabalhos de Raúl acerca da literatura brasileira. Logo na sequência, lemos o ensaio “Raúl Antelo, la teoría y la periferia”, de Analía Gerbaudo, em que a autora analisa a posição de Antelo no campo (Pierre Bourdieu) da crítica latino-americana, mais especificamente argentina, e a sua circulação internacional, ou, melhor ainda, os entraves para a sua circulação internacional. Não obstante, apesar da negatividade do ensaio, da sua mostra das barreiras para a circulação do crítico latino-americano, há não só a surpresa, para o leitor brasileiro, da forte presença de Antelo no campo argentino, como, também, ao final, uma possível reviravolta nas hierarquias da república mundial das letras (Casanova). Essa reviravolta teria a ver com o fato de Antelo poder ter interferido nos rumos da famosa exposição *Soulèvements*, de Didi-Huberman, por conta de uma troca de mensagens em que Antelo chama a atenção para a ausência da América Latina na exposição anterior do francês, *Atlas*. Tal achado – qualitativo e não quantitativo, isto é, para além dos gráficos trazidos no ensaio – merece sem dúvida investigação maior, até porque

contradiz em boa medida o método bourdieusiano de análise do campo de que a autora se vale.

Esses dois ensaios dialogam, pelo tom, com a entrevista elucidativa e com apresentação didática de Pérsico, já mencionada. Trata-se, nesse caso, de uma exposição passo a passo da “máquina antelo”, que faz o complexo ficar evidente para o leitor não iniciado, como na seguinte passagem:

Antelo da una vuelta de tuerca a la tradición crítica del dialogismo. Si en un texto co-existe una multiplicidad de voces, el ensayista es capaz de escuchar aquellas voces que no existían en el momento de la escritura. El acto de descubrimiento llena de gozo. Hay un regodeo potente en esa deriva, en las asociaciones infinitas, en las constelaciones inesperadas, sorprendentes. Otra operación reiterada es ejercer la lectura a contrapelo, contrariando la doxa respecto de ciertos clásicos o emplazar un olvidado en el sitio de alguien consagrado. La otra estrategia consiste en inventar genealogías y hasta parentescos para configurar contextos que fundamenten hipótesis arriesgadas (p. 276).

É outra maneira de dizer o que Daniel Link chama de uma “filologia violenta”, donde deriva também uma política e uma poética inquietas. Em síntese, na passagem, está todo um modo de olhar para a literatura e a cultura, de matriz benjaminiana, e os efeitos de estranhamento que gera no leitor incauto: “Lo homogéneo frente a lo heterogéneo, lo inmóvil frente a lo cambiante, lo cerrado frente a lo abierto. Antelo prefiere los segundos términos (p. 281 e 282).

Em boa medida, vista no conjunto, a organização da coletânea busca fazer justiça a essa perspectiva contraditória, aberta e mutante do pensamento de Raúl Antelo, ao observar seu trabalho de vários ângulos e a partir de vários matizes de estilo. Perspectiva essa que me leva a um último apontamento, sugerido pela leitura dos ensaios, sobre o modo como o trabalho do crítico se posiciona nas disputas críticas e teóricas contemporâneas.

Diria que em tempos neo-essencialistas e moralizantes como o nosso, a crítica de Antelo desmonta tanto as políticas de identidade quanto as defesas das altas literaturas. De um lado, porque ataca o que Fabián Ludueña investiga em seu ensaio como a transparência do signo, cuja origem estaria em uma concepção jurídico-religiosa do sagrado; de outro, porque não pensa nos termos da oposição centro/periferia, cânon e contracânon, mas, pelo contrário, dessacraliza o cânon, ao evidenciar seus parentescos com a prosa do mundo e vice-versa. As queixas subalternistas e os protecionismos beletristas são postos em xeque, revirados do avesso, e dão lugar à mesa de montagem que chamou tanto a atenção dos ensaístas, pela sua capacidade inventiva. Esse modo de olhar se articula, ainda, ao infraleve, segundo Crespi, “posibilidad de vida alternativa al grillado previsible de las identidades y las determinaciones” (p. 47).

O curioso, porém, é que essa posição digamos extímia de Antelo não é recente. Mesmo que o momento fosse mais promissor que hoje, quando organizou o Congresso Internacional da Abralic, no final dos anos 90, com o polêmico título “Literatura Compara = Estudos Culturais?”, o crítico, que dedicou a principal publicação do evento aos 80 anos de Antonio Candido, escreveu, no texto de abertura: “A literatura não é, não pode ser, um rele canto da burguesia ou distinção. A literatura situa-se, portanto, para além de uma simples recondução, populista e redistributiva, dos bens simbólicos mas, ao mesmo tempo, posta-se, ainda, para além do refúgio onde se acoberta e monopoliza toda distinção

social” (p. 8). Ou seja, não se trata nem das altas literaturas, que implicam colonialismo, nem, por outro lado, dos estudos culturais, “comprometidos com os investimentos a curto prazo”, coincidente com a lógica das megafusões, mas de “repensar questões sob uma particular visão latino-americana”, região, segundo Antelo, “supranacional”, “maneira de ultrapassar o estatuto colonial e de, ao mesmo tempo, construir um multiculturalismo específico” (p. 8). É possível dizer que esse compromisso foi ampliado e que resultou em uma das obras mais ambiciosas da crítica latino-americana, que os companheiros de viagem homenageiam com esse conjunto de ensaios que faz totalmente jus a ela.

Resenha recebida em 15 de abril de 2023. Aprovada em 13 de maio de 2023.